CISION

negócios

ID: 70085529 | 22-06-2017

Tiragem: 12142
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 8
Cores: Cor
Área: 25,70 x 32,00 cm²
Corte: 5 de 6

Uma década de eclipses na bolsa nacional

A Cimpor vai sair do mercado de capitais português. Mais uma empresa histórica que os investidores vêem desaparecer. Nos últimos anos outras estrelas eclipsaram-se.

RAQUEL GODINHO
rgodinho@negocios.pt

2014 foi um ano particularmente difícil para a bolsa nacional. Em poucos meses, duas das empresas mais influentes do mercado, e de maior dimensão, "desapareceram". A resolução do BES e a transformação da Portugal Telecom em Pharol são episódios difíceis de esquecer para os investidores. Mas não foram os únicos. Nos últimos anos, várias empresas saíram de bolsa ou passaram a ter um número irrelevante de acções dispersas.

Em 2013, saiu a Brisa. Em 2014, a Sonaecom passou a ter menos de 10% disperso em bolsa, o BES colapsou e a Pharol "substituiu" a Portugal Telecom e é hoje um veículo com dívida da Rioforte e uma posição na Oi. Um ano depois, o Banco de Portugal avançou com a resolução do Banif. E, já este ano, o CaixaBank concluiu a oferta pública de aquisição (OPA) sobre o BPI que tem agora um "free float" de cerca de 9% e a EDP lançou uma oferta sobre a EDP Renováveis que pode culminar na sua saída de bolsa.

"Tardamos em melhorar o ambiente regulamentar, em adoptar medidas de promoção da liquidez, ou em limitar as desvantagens concorrenciais associadas à presença no mercado", lamenta Abel Sequeira Ferreira, que acrescenta que "os custos para as empresas emitentes, em vez de diminuírem significativamente como seria desejável e expectável, têm vindo a aumentar e o mesmo acontece em relação aos (des)incentivos regulatórios para os investidores". "Neste contexto, as operações de saída do mercado, bem como outras similares, são normais e devem ser vistas com naturalidade", acredita o director-executivo da Associação de Empresas Emitentes de Valores Cotados em Mercado (AEM).

Já Octávio Viana defende que "empresas com um 'free float' tão reduzido e concomitante pouca liquidez e fraca participação dos accionistas remanescentes na vida da sociedade não justificam a manutenção em bolsa, mesmo na óptica de mercado – onde não interessa ter cotadas com 'mispricing' devido à fraca liquidez". "Portugal é um mercado periférico e estas saídas ainda agravam mais a situação na medida em que não são compensadas com novas entradas", acrescenta o presidente da Associação de Investidores e Analistas Técnicos do Mercado de Capitais (ATM).

Também Abel Ferreira considera que "o problema específico do mercado de capitais português é a ausência de novas empresas e a inexistência de um fluxo, que deveria ser regular, de entrada de novas empresas em bolsa, procurando o financiamento através do mercado".

O responsável da AEM defende que "é urgente a definição de uma agenda para o mercado que permita expandir e consolidar o mercado de capitais e sobretudo o mercado de acções, como um elemento chave da capitalização das empresas e do desenvolvimento sustentado da nossa economia". Já Octávio Viana aponta para a necessidade de incentivos aos investidores e às empresas para dispersarem o seu capital, nomeadamente fiscais e regulatórios.

AS ESTRELAS QUE DEIXARAM DE BRILHAR

Os últimos anos são de má memória para a bolsa nacional. Foram várias as cotadas "estrela" que perderam o brilho. Algumas desapareceram, outras deixaram de ter a importância que tinham e outras passaram a ter um número muito reduzido de acções dispersas no mercado.

BRISA
Em Abril de 2013, a Brisa negociou pela última vez na bolsa nacional. Foi retirada depois da oferta pública de aquisição (OPA) lançada pela Tagus (que reunia o Grupo José de Mello e o fundo de investimento Arcus) no ano anterior. O processo arrastou-se durante vários meses.

SONAECOM
A Sonaecom foi retirada do PSI-20, em Fevereiro de 2014, depois da oferta pública de aquisição (OPA) lançada pela empresa ter sido aceite por 62% dos investidores. Na operação, a Sonae ficou com 89,02% da Sonaecom que, com a fusão da Zon com a Optimus, ficou com a actividade esvaziada.

BES
A 1 de Agosto de 2014 a CMVM suspendeu as acções do BES à espera de informação relevante. Dois dias depois, o Banco de Portugal anunciou a resolução do banco. A 11 de Agosto foi retirado do PSI-20. Mas só em Fevereiro de 2016 o regulador excluiu definitivamente os títulos da bolsa.

PT
Em 2011, era a terceira maior empresa da bolsa. Mas em 2014 tudo mudou, quando se concretizou a fusão com a Oi foi conhecido que a empresa tinha investido quase 900 milhões de euros em dívida da Rioforte, empresa do GES. Hoje a Pharol tem uma posição na Oi e a dívida da Rioforte.

BANIF
O Banco de Portugal avançou, em 2015, com a resolução do Banif que foi vendido ao Santander Totta. Como consequência, as acções do banco madeirense não voltaram a negociar na bolsa nacional. Deste modo, os investidores ficaram impossibilitados de recuperar o investimento.

BPI
Logo no segundo mês deste ano, o PSI-20 perdeu mais uma cotada do sector financeiro. Uma consequência da oferta pública de aquisição (OPA) lançada pelo CaixaBank. Os espanhóis reforçaram a posição no capital para 84,5%. O "free float" ficou reduzido a cerca de 7%.

EDP RENOVÁVEIS
A EDP anunciou, em Março, o lançamento de uma oferta pública de aquisição (OPA) sobre a subsidiária EDP Renováveis. O valor da oferta é de 1,33 mil milhões de euros, caso a EDP compre os 22,5% que não detém na companhia. A eléctrica admitiu a retirada de bolsa da EDP Renováveis.

> **Tardamos em melhorar o ambiente regulamentar e em adoptar medidas de promoção da liquidez.**
>
> ABEL SEQUEIRA FERREIRA
> Director-executivo da Associação de Empresas Emitentes de Valores Cotados em Mercado (AEM)

> **Portugal é um mercado periférico e estas saídas ainda agravam mais a situação na medida em que não são compensadas com novas entradas.**
>
> OCTÁVIO VIANA
> Presidente da Associação de Investidores e Analistas Técnicos do Mercado de Capitais (ATM)